

O criador de ilusões

De repente do escuro ficou claro, deu para ver as roupas brancas entre aventais e máscaras e foi preciso chorar, logo uma voz familiar misturada com um cheiro doce e agradável de mãe que eu já conhecia me fez lembrar que eu nascera de novo e então calei-me e esperei, tinha como sempre, a nítida noção de não saber de nada. Havia ali a vontade de querer tudo o que não se conhecia e essa vontade existe até hoje, onde estou agora, depois de muitos anos, quarenta, precisamente, porém o desejo do desconhecido é pelo que vem depois da vida.

Ao escrever estas palavras me sinto triste, e vez em quando paro e olho para a

televisão, o futebol sempre foi o meu "refrescar a mente", mas o que me intriga todos esses anos e a pergunta que ecoa na minha cabeça todas as noites é a seguinte: O que eu sou?

- " Pronto, lá vem o Carlos de novo com essas besteiras", dizia minha avó.

- " Esse rapaz precisa de um amor, falava a irmã, a quem ele adorava muito, mesmo sem saber.

Os cabelos brancos, lisos, lhe cobriam a testa, dando-lhes ar de sobriedade, sobretudo havia um charme jovial em seu rosto que não lhe faltavam aventuras com as mulheres.

Carlos sempre foi um rapaz comum, morador de cidade grande, sempre viveu e dançou conforme a música como diziam seus pais, porém de uns tempos pra cá, esse conformismo vem tirando seu sono.

Ele jura que sabe o que vai acontecer, e diz isso a si mesmo, só não sabe explicar, eis que eu como amigo tentarei desvendar o seu universo. Falando

nisso, o Universo deve ser um lugar bom de morar, é o que ele sempre diz.

Eu digo: " bom para as estrelas, né Carlos?"

- "Nós somos as estrelas!" - completa ele.

Confesso que essa frase também tem tirado o meu sono, mesmo sem entender, se não fosse muito amigo e não o conhece a quase quarenta anos, diria que está louco, mas sinto que algo dentro de mim tão estranho quanto o Universo me diz que ele tem razão.

- "Bem, venha tomar um café, enquanto te explico", convida Carlos, o amigo.

E em meio ao café das quatro, há um silêncio do tamanho do Universo. E então? Pergunto.

- "Olha antes de eu tentar lhe falar coisas que talvez nem exista, quero que saiba que eu não sou louco".

Eu sei Carlos, que louco estaria há quase vinte anos na mesma profissão, com dois filhos e esposa?

Carlos faz uma cara estranha, como se estivesse pensando em algo a dizer, ele sempre tem algo a contar.

Olha de uns tempos pra cá, decidi fazer um experimento social, no meu trabalho mesmo, deixe-me explicar.

Eu sou funcionário público você sabe, é uma rotina

difícil, ganha-se pouco, trabalha-se menos ainda, muitas pessoas vivem reclamando de suas vidas é um blá-blá-blá que de nada serve exceto passar o tempo, então decidi ficar quieto e comecei a observar as pessoas, eu que sempre fui um rapaz comunicativo, passei a permanecer em silêncio a maior parte do tempo quando estou trabalhando.

- "Você está me entendendo Julio?"

- "Sim, mas e o que aconteceu, quero dizer as pessoas; o que acharam desse seu comportamento?"

Veja muitas pessoas se acostumam com um padrão de personalidade do indivíduo sem que isso seja uma regra, então quando percebem uma mudança, tendem a achar que algo está errado.

Eles esquecem de uma coisa, o ser humano é tão vasto quanto o Universo, não se pode atribuir uma doença a alguém que ontem estava feliz e hoje está com raiva, mas há quem realmente adoença.

Voltamos ao meu experimento.

Lá no meu trabalho, algumas pessoas começaram a se incomodar com o meu comportamento, teve algumas até que ficaram com raiva, acredita?

- "Sério?"

Outras me perguntavam se estava tudo bem, eu dizia

que sim.

-"Carlos, mas isso é normal, não acha?"

Talvez, digo isso porque não tento entender as pessoas ou imaginar o que elas estão pensando, tenho meu próprio mundo dentro de mim. Então comecei achar meio estranho despertar de raiva em outra pessoa pelo simples fato de estar em silêncio.

-"Conclui que a melhor forma de ofender alguém, é ficar quieto".